

Após décadas de intenso declínio, as pradarias de ervas marinhas europeias mostram sinais de recuperação e menores taxas de perda

Novo estudo indica que a Europa perdeu um terço das suas pradarias marinhas devido a doenças, à deterioração da qualidade da água e ao desenvolvimento costeiro, registando-se as maiores perdas nos anos 70 e 80. Desde então, as taxas de perda têm vindo a abrandar e em alguns locais as pradarias conseguiram recuperar, provavelmente devido a medidas comunitárias para melhorar a qualidade da água.

As ervas marinhas são plantas superiores (e não algas) que formam extensas pradarias em zonas costeiras. Estes ecossistemas chave suportam as pescas, desempenham um papel importante no sequestro de carbono, oferecem proteção costeira e abrigam espécies ameaçadas como os cavalos-marinhos. Num novo estudo publicado na "Nature Communications", foi analisada toda a informação existente na Europa sobre a área e densidade de ervas marinhas desde 1869, perfazendo um total de 737 locais ao longo das costas de 25 países europeus.

"O nosso estudo mostra que a Europa perdeu um terço da área de ervas marinhas nos últimos 150 anos, o que significa que perdemos também os benefícios que proporcionam", explica Carmen B. de los Santos, investigadora do Centro de Ciências do Mar (CCMAR) e primeira autora da publicação, que incluiu investigadores de 21 instituições europeias. O estudo mostra que as perdas de ervas marinhas atingiram o pico durante as décadas de 1970 e 1980 e que as principais causas incluíram a degradação da qualidade da água devido ao aumento dos níveis de nutrientes, distúrbios mecânicos (ex.: ancoragem de barcos, arrasto de fundo) e doenças.

Após um período de intenso declínio, no entanto, as ervas marinhas europeias mostram sinais de recuperação. Rui Santos, investigador do CCMAR, Professor da Universidade do Algarve e autor sénior da publicação, destaca que "os nossos resultados são muito encorajadores - contrariamente às tendências globais, as taxas de perda de ervas marinhas na Europa abrandaram no final do século XX. Em alguns locais, as pradarias marinhas até recuperaram. Este estudo traz esperança para os esforços de conservação de ervas marinhas, pois sugere que medidas de gestão como a implementação de áreas marinhas protegidas e a redução da descarga de nutrientes pode ter resultados positivos".

Em Portugal, as mais extensas pradarias marinhas encontram-se na Ria Formosa, Ria de Aveiro e nos estuários do Sado, Tejo e Mondego. Rui Santos explica que "as pradarias marinhas portuguesas foram fortemente impactadas nas últimas décadas. Neste contexto, o nosso estudo traz otimismo e apoia os esforços que as autoridades competentes estão a fazer na gestão e conservação das nossas zonas costeiras".

Faro, 26 de julho de 2019

Referência do artigo: DOI 10.1038/s41467-019-11340-4

Para mais informações, contacte:

Rita Costa Abecasis

arabecasis@ualg.pt

+351 289 800 051 | +351 917404037



Fig. 1 – Extensas pradarias de ervas marinhas na Ria Formosa, Portugal (© Rui Santos)



Fig. 2 – As pradarias de ervas marinhas proporcionam habitats essenciais para as espécies ameaçadas de cavalos-marinhos (Ria Formosa, Portugal) (© Rui Santos)

Para mais informações, contacte:

Rita Costa Abecasis

arabecasis@ualg.pt

+351 289 800 051 | +351 917404037

Sobre o CCMAR:

O Centro de Ciências do Mar - CCMAR - é um dos principais centros de investigação em marinha em Portugal. Com a Universidade do Algarve e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) como parceiros estratégicos, o CCMAR promove investigação multidisciplinar e formação avançada relacionadas com o meio marinho, com ênfase nos processos de alterações ambientais que afetam os ecossistemas marinhos.

Para mais informação visite www.ccmар.ualg.pt